

José Veríssimo e a Construção Do Cânone Literário Brasileiro: um ponto de vista estético

JOSE VERISSIMO AND THE BRAZILIAN LITERARY CANON CONSTRUCTION: AN AESTHETIC POINT OF VIEW

Márcio Roberto **PEREIRA**¹

Resumo: Este trabalho analisa a *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo, a partir de ruptura com a crítica romântica ou com a interpretação cientificista ao adotar um ecletismo teórico que o faz desconfiar dos sistemas fechados e das classificações únicas. Da valorização etnológica ao sentimento nacionalista ou do cientificismo à defesa estética da construção do cânone literário, a trajetória de José Veríssimo é marcada por uma organicidade que gera o apuramento de seus critérios.

Palavras-chave: Literatura brasileira. José Veríssimo. Crítica literária. Cânone.

Abstract: This essay analyses the *História da literatura brasileira* (1916), of José Veríssimo, that from a rupture with the romantic criticism or with the interpretation of the Scientific method of taking as a basis a theoretical eclecticism that makes him distrust the enclosed methods and the restrict classifications. From ethnological valorization to Nationalist sentiment or from Scintificism to the support of the esthetics in the building of a Brazilian literary canon, José Veríssimo's critical works are featured by an organicity that generates his refined criteria

Keywords: Brazilian literature. José Veríssimo. Literary criticism. Canon.

Tudo quanto há contribuído para a diferenciação nacional deve ser estudado, e a medida do mérito dos escritores é esse critério novo. Tanto mais um autor ou um político tenha trabalhado para a determinação de nosso caráter nacional, quanto maior é o seu merecimento. Quem tiver sido um mero imitador português, não teve ação, foi um tipo negativo.

Sílvio Romero, *História da literatura brasileira*, 1888.

Em descompasso com os ideais de uma sociedade que vivia um prolongamento do “período colonial”, incluindo a delimitação de latifúndios, uma economia agrária e extrativista, o analfabetismo e a escravidão como marcas do atraso brasileiro, uma “nova geração” de pensadores propõe a renovação do Brasil através da consolidação do sentimento de nacionalidade, da cultura brasileira e da educação como fonte de desenvolvimento e integração nacional.

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista, FCL – UNESP - Assis e Docente da mesma IES. Endereço eletrônico: marciorpereira@uol.com.br.

A “geração de 70” propõe a configuração de um cânone literário a partir da edição de histórias da literatura que definem a periodização e a escolha de um conteúdo — formado por escritores, obras, dados históricos e biográficos — que refletem a realidade nacional e ratificam a cultura no Brasil.

As bases da crítica brasileira, formada por escritores estrangeiros como Friedrich Bouterwek (1765-1828), Sismonde de Sismondi (1773-1842), Ferdinand Denis (1798-1890) e Almeida Garrett (1799-1854) e brasileiros como Sotero dos Reis (1800-1871), Gonçalves de Magalhães (1811-1882), Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), Pereira da Silva (1817-1897), Santiago Nunes Ribeiro (? -1847), Joaquim Norberto de Sousa Silva (1820-1891), entre outros, começam a ser revistas por escritores que desenvolvem projetos críticos, como o de Sílvio Romero (1855-1914) e Araripe Júnior (1848-1911) que utilizam a ciência como instrumento de compreensão do fato literário em simetria com a sociedade.

José Veríssimo (1857-1916), por outro lado, publica sua *História da literatura brasileira* (1916) estabelecendo uma certa ruptura com a crítica romântica, mas também não se vinculando inteiramente à interpretação cientificista, adotando, assim, um ecletismo teórico que o faz desconfiar dos sistemas fechados ou das classificações únicas. Da valorização do determinismo etnológico ou mesológico ao sentimento nacionalista ou do cientificismo à defesa estética da construção do cânone literário, a trajetória de José Veríssimo demonstra uma organicidade que resulta no apuramento de seus critérios. Ao romper com a crítica naturalista e cientificista, José Veríssimo propõe um nacionalismo universal que encontrará na obra de Machado de Assis (1839-1908) sua maior representação. Buscando superar as limitações do modelo naturalista, José Veríssimo legitima as atividades da crítica e da literatura brasileira ao definir uma esfera para as letras e para a cultura nacional.

Apesar de seguir vários teóricos europeus, os intelectuais do final do século XIX não possuíam teorias e métodos específicos para uma abordagem crítico-literária, propiciando, assim, a configuração de vários caminhos que ligavam as artes ao contexto político e social. Dominante de 1870 a 1910, o modelo naturalista, que regia a crítica literária e a sociologia brasileira, foi sendo substituído por concepções específicas que levaram à profissionalização do crítico literário e à formação de métodos e doutrinas inerentes a outras disciplinas. Os críticos do século XIX começam a escrever história da literatura não mais a partir de uma reconstrução precisa e minuciosa dos acontecimentos, procurando desenvolver um impulso para a interpretação dos fatos literários e a justificativa para suas escolhas canônicas. Esse rompimento com um modelo objetivo de história da literatura inicia-se com Sílvio Romero que, mesmo acompanhando a idéia

de Santiago Nunes Ribeiro — que vinculava autonomia literária ao caráter mesológico e cultural — acredita que a cultura brasileira é transplantada da Europa, sofrendo um processo de “aclimatação” e de “transformação”. A literatura brasileira, dessa forma, é influenciada pelas histórias da literatura de Gustave Lanson (1857-1934), na França, a de Francesco De Sanctis (1817-1883), na Itália, a Georg Gottfried Gervinus (1803-1875) e Edmond Scherer (1815-1889) na Alemanha, que buscavam modelos nacionais para revelar o “gênio” literário de cada nação.

Segundo Hippolyte Taine (1828-1893), os fatos históricos e a arte obedecem a uma lei comum que articula o princípio de evolução — *momento* — aliado a duas constantes: *raça* e *meio*. O *determinismo* — geográfico, biológico ou sociológico — que, juntamente com o determinismo psicológico de Sainte-Beuve, servirá de modelo para a crítica literária do século XIX.

José Veríssimo consegue adicionar novos ingredientes para a formação da história literária considerando aspectos explicativos e interpretativos ao recorte que opera na história da literatura brasileira. Ao selecionar um período pré-definido — 1601 a 1908 — para compor sua obra final, José Veríssimo faz um relato objetivo do desenvolvimento da literatura brasileira desvinculando-se do puro cientificismo que dominava a explicação da realidade no final do século XIX.

Assim, os críticos do século XIX rompem com uma tradição histórica, estabelecida pelos críticos do Romantismo, de valorização da neutralidade do papel do historiador em relação aos acontecimentos do passado e, por outro lado, definem as primeiras linhas para a constituição de uma *meta-história*, conforme definição de Hayden White (1992), que interpreta os fatos literários a partir de fatores intrínsecos e extrínsecos. Construindo monumentos literários, Sílvio Romero e José Veríssimo marcam a historiografia literária brasileira ao desenvolver um ponto de vista que procura destacar uma “série” de grandes escritores e obras que formam a individualidade cultural brasileira. O século XIX foi um momento de ratificação do caráter nacional e cabia ao intelectual realizar tal trabalho a partir de bases objetivas. Os críticos literários tratam a história da literatura — parte do processo histórico geral — através da aproximação entre métodos históricos e bases científicas. O resultado dessa aproximação é a construção de um discurso em que a objetividade é mais importante que os juízos de valor.

A *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo, consegue montar um “modelo clássico nacional” a partir da configuração de uma seqüência de obras literárias, partindo de um ideal de objetividade, que se faz, por meio de um passado acabado, dando ao crítico uma posição de juiz de um presente inacabado. No caso de Sílvio Romero, há o privilégio da concretização da unificação nacional, em relação a uma valorização exclusivamente estética dos escritores

retratados, com um conceito amplo de literatura como expressão da cultura nacional. José Veríssimo, por sua vez, procura investigar seu objeto de estudo, definindo uma *marcha* para literatura nacional, seus principais representantes e a demarcação dos principais escritores do cânone literário.

A *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo, representa a última tentativa de consolidação da literatura nacional distanciada dos problemas sociais e de um Brasil que sofria a desilusão das reformas propostas pela República. Veríssimo tenta criar um cânone literário que o distancie das questões sociais, fortalecendo o papel do literato através da criação de refúgios artísticos como a Academia Brasileira de Letras, a *Revista Brasileira* ou o rodapé dos jornais da época.

Com a criação de um paradigma centrado na literatura como “arte literária” — resgate de uma concepção clássica e impressionista de cultura — e a escolha de Machado de Assis como representante e modelo literário, símbolo de “universalidade” da literatura nacional, é possível vislumbrar a tentativa do crítico em separar a realidade, que possui um “gosto” decadente, de um projeto de literatura que se desvincula das questões políticas e agrega-se a um campo intelectual formado por escritores e intelectuais preocupados com os rumos artísticos do país. No entanto, em inícios do século XX, esse campo intelectual, idealizado por José Veríssimo, mostra suas relações com o poder ao eleger Lauro Müller, ministro de Rodrigues Alves durante as reformas no Rio de Janeiro, como membro da Academia Brasileira de Letras. Desapontado com a eleição do “acadêmico” que nunca escrevera um livro, Veríssimo corta os laços com a Academia e dedica-se à recuperação da literatura através da construção de uma *História da literatura brasileira*. Resgata, assim, todos os conceitos de uma literatura clássica nacional que, formando-se independente de Portugal, possui originalidade, nacionalidade e características universais. Resta, no entanto, ao crítico acreditar na educação nacional como única forma de mudança social e estrutural que integrarão o Brasil no contexto mundial. Separado da “esfera pública” oficial, que será formada pelos ideais eufóricos da *belle époque*, José Veríssimo condena-se à automarginalização ao acreditar que o campo intelectual brasileiro estava tomado pela falta de integridade acadêmica, com uma crítica que não possuía vinculação com o desenvolvimento social da nação.

Nesse período, de 1870 a 1916, o Rio de Janeiro consolida-se como palco de todo o movimento cultural brasileiro centralizando os principais acontecimentos do Brasil: queda do Império, consolidação da República, concentração do mercado de trabalho para os intelectuais da época, centralização das principais livrarias e editoras do século XIX, reunião das principais casas

de teatro e espetáculos e a inauguração da Academia Brasileira de Letras como monumento à importância dos homens de letras na sociedade.

Em Conferência no Conservatório Dramático de São Paulo, no dia 12 de setembro de 1910, cujo texto foi posteriormente publicado por José Veríssimo na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (1910), o crítico demonstra todo seu ceticismo, através de sua “débil voz”, e sua posição na sociedade:

Minhas senhoras e meus senhores:

Nunca foi mais oportuno e necessário começar o orador pedindo perdão por levantar sua débil voz... A objeção da franqueza da minha a fiz eu, podeis crer e, aos que gentilmente insistiam comigo para dizer algo do teatro brasileiro, fazendo como que um *pendant* ao que do teatro seu patricio ia dizer, e tão brilhantemente disse, o distinto escritor português, ora nosso hóspede, o Sr. Abel Botelho.

Por mais, porém, que eu me recusasse a impor-vos o desprazer de ouvir-me, os meus muito amáveis convidantes me não quiseram atender, e eu receei pudessem reprochar-me de me estar a fazer de rogado.

Portanto, meus senhores, se não ouvirdes (com o que aliás nada perderes) o pouco e mal que tenho a dizer-vos, não podereis sem injustiça lançar à minha conta a decepção que vos causar.

Em todo caso, me restará a consolação de me não haver recusado a contribuir, mesmo apenas com minha débil voz, para uma dessas numerosas obras com que a boa e fecunda iniciativa paulista tão belamente se afirma. (VERÍSSIMO, 1910, p. 23).

Fora do círculo dos intelectuais combatentes, José Veríssimo assiste ao fracasso de suas esperanças e à tragédia de sua geração que, apesar da Abolição e da formação da República, marcam a desilusão de encontrar um Brasil que não consegue emergir como uma nação “civilizada”. Desvinculado da *belle époque*, o crítico observa o florescer de uma literatura impregnada de excesso, decadência e de um gosto boêmio, tão combatido por Machado de Assis e seu grupo. A literatura começa a perder sua “aura”, ou representatividade, para tornar-se um produto de entretenimento, feito para leitura rápida. Rápido também era o poder de absorção de uma produção literária que unia os piores aspectos da cultura de massa à superficialidade de uma elite muito preocupada com a aparência e o fetiche do consumo.

A *História*, segundo João Alexandre Barbosa:

Era, sem dúvida, obra resultante de uma longa experiência de crítica e ensino: ao publicar a *História*, José Veríssimo tinha a seu crédito não apenas os volumes sobre educação, etnologia, cultura e literatura brasileiras publicados em sua fase paraense, em que sobressaem *A educação nacional*, os dois volumes de *Estudos brasileiros* e *A pesca na Amazônia*, mas, sobretudo, os volumes que reuniam os

seus textos aparecidos na imprensa do Rio de Janeiro, como os seis volumes de *Estudos de literatura brasileira*, os três de *Homens e coisas estrangeiras* ou mesmo o volume *Que é literatura? e outros escritos*, além da edição de algumas obras fundamentais da literatura brasileira como *Marília de Dirceu*, de Tomás Antonio Gonzaga, ou as obras de Basílio da Gama. (BARBOSA, 1996, p. 59).

Assim sendo, a *História* representará o amadurecimento de todas as concepções críticas de Veríssimo e das relações entre literatura e sociedade. Para Álvaro Lins, essa fase representa um desencanto, por parte de Veríssimo, frente à “evolução” da sociedade brasileira: “Desencantado, talvez de não ver surgir essa renovação literária que teria estimulado, desiludido com o marasmo intelectual que se sucedeu às grandes obras dos seus contemporâneos, José Veríssimo recolheu-se a um estado quase completo de solidão e sombrio pessimismo” (LINS, 1944, p.43).

O descompasso entre a sociedade real e a ideal, vislumbrada pela “ilustração brasileira”, talvez seja um dos principais motivos do desencanto de Veríssimo; ao perceber que as relações entre literatura e sociedade não podem ser vistas a partir da configuração de uma mera dependência. Tais relações buscam uma complicada relação de interdependência dos fatores espirituais e materiais que são regidos por uma espécie de “sociologia do saber”, como define Max Weber (1864-1930), “que permitem estudar os reflexos da situação social na literatura sem abandonar o conceito da evolução autônoma” (CARPEAUX, 1978, p. 35).

No caso de Veríssimo, a relação entre literatura e sociedade causa uma crença no papel do intelectual como modificador da sociedade. Essa crença levou o crítico a trilhar vários caminhos — através de um ecletismo teórico — que o fazia construir uma obra marcada por uma espécie de *hibridismo* que construía ora uma crítica participativa e social, ora uma crítica formada por uma posição “estética”, que utilizará termos como “inspiração”, “sentimento”, “pensamento”, “imaginação”, “sinceridade”, expressão”, entre muitos outros termos que aparecem em quase todas as páginas da *História*; ora por uma crítica histórico/social que acompanha o desenvolvimento e amadurecimento do *instinto de nacionalidade* em sentimento nacional.

Dessa forma, o ecletismo de Veríssimo — formando também uma crítica híbrida — conduzia-o ao aprimoramento de sua atividade como crítico, à preocupação em formar e destacar uma tradição para a literatura brasileira que tinha a dialética local/cosmopolita como ponto principal e, ainda, à definição da educação nacional como solução para todos os problemas brasileiros e único meio de inserir o Brasil no contexto mundial.

Apesar de ser publicada em 1916, a obra de José Veríssimo configura-se como uma espécie de mosaico, reunindo uma Introdução, publicada em 1912, e vários ensaios já publicados em jornais e revistas entre os anos de 1910 a 1912. Observa-se, assim, que a posição de José

Veríssimo, contida na *História da Literatura Brasileira*, passava por um processo de amadurecimento durante toda sua carreira de crítico literário. Buscando um ponto de vista até então original para a literatura nacional, o crítico paraense desenvolve algumas bases nas quais sua obra assenta-se.

De Anchieta a Euclides, de Bento Teixeira a Machado de Assis, de Cláudio Manuel da Costa a José de Alencar, toda história da literatura tem como princípio diretor a seleção de um *corpus* literário, formado por escritores e obras, inseridos num determinado espaço de tempo denominado histórico. Toda interpretação de um *corpus* literário, entretanto, pressupõe uma noção prévia sobre o que seja literatura, de forma que se construa uma metodologia capaz de ajustar as obras literárias ao tempo histórico. A tarefa crítica, deste modo, tem diante de si um grande desafio: reconhecer, ou antes escolher, um material literário que servirá para a formação da história da literatura.

Joaquim Norberto de Sousa e Silva ou Francisco Adolfo Varnhagen, dois dos principais precursores da historiografia literária brasileira, por exemplo, não tiveram muita chance de escolher um *corpus* literário porque a literatura brasileira, em suas épocas, ainda não tinha um material para tanto. Sílvio Romero, por outro lado, que possuía um vasto material para separar e distinguir, como quer a etimologia da palavra *crítica*, prefere considerar tudo como literatura. Posição essa, de Romero, justificada ao se compreender que, para o século XIX, o objetivo é considerar a literatura como parte conscientizadora e integrante do espírito nacional; por isso, os críticos brasileiros tiveram, antes de tudo, de afirmar a existência de seu objeto: a literatura brasileira.

É com José Veríssimo, contudo, que a crítica literária brasileira solidifica a dialética entre história e literatura ao desenvolver uma história da literatura que tem como enfoque central a criação literária, ao mesmo tempo, que estabelece diretrizes cronológicas para a “evolução” literária nacional. É importante afirmar que, no caso deste trabalho, a atenção se concentra no momento final da obra de José Veríssimo, quando a imagem da literatura nacional se afirma como propósito primeiro de sua crítica.

Ao publicar em 1907, o ensaio “Que é literatura?”, José Veríssimo afirma que na definição do que é literatura:

Todos se entendem e ajustam, mas que há grandes diferenças de modos de compreender a questão, como na maneira de resolvê-la. Inicialmente, quase todos se despreocupam da beleza, que na arte propriamente dita é um elemento principal. (VERÍSSIMO, 1907, p. 14)

Mesmo acreditando que a crítica literária é formada por vários modos de interpretação do fato literário, porque cada geração utiliza-se de categorias próprias de julgamento, a interpretação ocuparia, na crítica de Veríssimo, uma ponderação entre objetividade e subjetividade definindo, assim, a compreensão das significações que medeiam o crítico e o leitor. Recorrendo a definições de vários críticos como o português Moniz Barreto (1865-1896), o norte-americano C.T. Winchester (1847-1920) e o francês Brunetière (1849-1906), o crítico brasileiro não chega a uma definição final sobre arte literária, mas concorda que:

Várias são as acepções do termo literatura: conjunto da produção intelectual humana escrita; conjunto de obras especialmente literárias; conjunto (e esse sentido, creio, nos veio da Alemanha) de obras sobre um dado assunto, ao que chamamos mais vernaculamente bibliografia de um assunto ou matéria; boas letras; e, além de outros derivados secundários, um ramo especial daquela produção, uma variedade da Arte, a arte literária. (VERÍSSIMO, 1907, p. 4)

Concatenando vários caminhos críticos, José Veríssimo, com sua cética desconfiança, acredita que qualquer conceituação fixa da literatura seja insuficiente.

José Veríssimo constantemente questiona os limites e definições de sua atividade ao conciliar vários caminhos críticos na busca pela função da interpretação, recorrendo a várias fontes como o crítico norte-americano C.T. Winchester, cujo livro *Some principles of literary criticism* (1899), define a literatura dotada de expressão e interpretação formada por quatro elementos: emoção, imaginação, pensamento e forma. Assim sendo:

A emoção, “que é o elemento característico e distinto da literatura”, a imaginação, “sem a qual não é possível em muitos casos despertar a emoção”, o pensamento, “que deve ser a base de toda a forma de arte, exceto a música”, e a forma, “que não é em si mesma um fim, senão o meio por que se dá expressão ao pensamento e ao sentimento”. (VERÍSSIMO, 1907, p. 7)

Verifica-se que os critérios forjados pelo crítico norte-americano tentam conciliar a forma e o conteúdo do texto. Porém, Winchester não consegue uma definição absoluta que convença um crítico como José Veríssimo que sempre esteve à procura de caminhos para o aprimoramento de sua técnica. Esse sempre aprimorar o levou a estudar muitos críticos estrangeiros, não se limitando apenas a portugueses e franceses, levando-o à conclusão de que a obra literária sempre está um passo à frente da crítica e o que é mais importante, cada obra possui uma individualidade capaz de quebrar com qualquer conceito único e verdadeiro de literatura. Como bem nota José Veríssimo:

A crítica não assentou ainda definitivamente, e talvez não seja de sua natureza poder assentá-los, todos os princípios que servem de norma e fundamento aos seus juízos. A constituição da crítica como um *corpus*, um cânon, certo e invariável de doutrina, sempre aplicável como um padrão em todos os casos, é, talvez, impossível. Os mesmos que admitem que ela não pode ficar à mercê da impressão e do gosto individual, e mostram como as suas apreciações obedecem já, conscientemente ou não, a princípios derivados da própria natureza humana e das obras literárias em que essa natureza se exprime e define, esses mesmos reconhecem aquela quase impossibilidade. (VERÍSSIMO, 1907, p. 73)

Na imensa variedade das obras literárias, fica difícil à crítica assentar princípios definitivos. O mais salutar é encarar a tarefa crítica como um grande complexo de obras que se completam entre si.

Acreditando que todos os críticos se completam, é possível o diálogo entre, por exemplo, Sívio Romero cuja noção de:

[...] *literatura* tem a amplitude que lhe dão os críticos e historiadores alemães. Compreende todas as manifestações da inteligência de um povo: — política, economia, arte, criações populares, ciências... e não, como era costume supor-se no Brasil, somente as intituladas *belas-letras*, que afinal cifravam-se quase exclusivamente na poesia! (ROMERO, 1902, p. 9)

E, José Veríssimo, para quem a literatura é *arte literária*. Com certeza, os dois críticos possuem um grande valor para a literatura brasileira: o primeiro recolhe tudo que pode ser literatura e o segundo seleciona aquilo que, no seu conceito, melhor representa a literatura.

Numa época — fim do século XIX e início do século XX — em que os estudos literários se pautavam por uma visão evolucionista das ciências biológicas e pelo positivismo, José Veríssimo conduz os estudos literários a privilegiar o texto literário e, por conseguinte, aqueles escritores que melhor contribuem para a formação de uma literatura brasileira original, em que o literário obtenha autonomia, relativa, é claro, e se estabeleça no primeiro plano de estudo. Não é infundado, portanto, José Veríssimo escrever uma história literária em que a literatura:

[...] é sinônimo de boas e belas letras, conforme a vernácula noção clássica. Nem se me dá da pseudo novidade germânica que no vocábulo literatura compreende tudo o que se escreve num país, poesia lírica e economia política, romance e direito público, teatro e artigos de jornal e até o que se não escreve, discursos parlamentares, cantigas e histórias populares, enfim autores e obra de todo o gênero. (VERÍSSIMO, 1963, p. 12)

Essa preferência do crítico indica uma nova concepção do fato literário no qual o valor estético é resistente ao tempo. Tal resistência é indicativa, deste modo, de originalidade e talento individual. Entende-se, assim, que cabe ao crítico valorizar o que há de original na obra literária via qualidade estética.

Entretanto, o máximo que Veríssimo consegue entender é que determinar os melhores escritores de uma tradição é uma tarefa fácil, difícil, mesmo, é definir um conceito de literatura que abarque escritores de igual talento numa variedade de obras literárias.

Não existe, deste modo, uma definição única para o que seja arte literária e sim sua caracterização ou identificação. Ao definir, em 1912, “literatura é arte literária”, José Veríssimo reconhece, através de uma tautologia², que tem como sujeito e predicado o mesmo conceito, o próprio caráter da literatura.

Isso não significa a desvalorização do condicionamento social do texto, mas a determinação de que esse condicionamento está dentro do próprio texto, na sua maneira única de refletir a realidade. Na montagem, por assim dizer, de sua história literária, José Veríssimo define do seguinte modo as suas coordenadas:

Os elementos biográficos, necessários a melhor compreensão do autor e da sua época literária, como outros dados cronológicos, são da maior importância para bem situar nestas obras e autores e indicar-lhes a ação e reação. A história literária deve, porém, antes ser a história daquelas do que destes. Obras e não livros, movimentos e manifestações literárias sérias e conseqüentes, e não modas e rodas literárias, eiva das literaturas contemporâneas, são, a meu ver, o imediato objeto da história da literatura. Um livro pode constituir uma obra, vinte podem não fazê-lo. São obras e não livros, escritores e não meros autores que fazem e ilustram uma literatura. (VERÍSSIMO, 1916, p. 12-3)

Os noventa e oito anos que separam o leitor atual de José Veríssimo não anulam várias de suas colocações: até hoje ainda não se conseguiu uma definição única do que seja literatura. José Veríssimo reconhece que, apesar de todas as teorizações sobre o fato literário, só “vive a obra literária cuja emoção geradora persiste apesar do tempo, sempre capaz de provocar em nós emoção idêntica” (VERÍSSIMO, 1916, p. 53).

² “Segundo a teoria cálculo semântica, a tautologia é um operador uniário (imperfeito) porque implica só um par de valores dos seus argumentos. Na teoria das proposições inanalizadas, a tautologia denomina-se *lei lógica*, a qual semanticamente é verdadeira para todas as combinações simples. A tautologia não implica condições de verdade porque é incondicionalmente verdadeira. A tautologia verifica-se no caso em que a proposição é verdadeira em todas as possibilidades de verdade de proposições elementares.” Cf: *Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, 1977. v. 17. p. 1103-7.

O conceito de literatura pode, deste modo, variar de crítico para crítico ou de época para época, porém, a literatura deve sobreviver ao tempo gerando, conforme a definição de Francisco Moniz Barreto (1865-1896), *interesse* permanente e, sobrevivendo aos críticos e desencadeando constantemente novas leituras.

Sintetizando. A quatro de dezembro de 1912, ao terminar a “Introdução” da sua *História da literatura brasileira*, José Veríssimo havia percorrido um longo caminho teórico entre críticos estrangeiros como Taine (1828-1893), Renan (1823-1892), George Brandes (1842-1927), Moniz Barreto, Brunetière (1849-1906), Lanson (1857-1934), Sainte-Beuve (1804-1869), C.T. Winchester, entre muitos outros; e uma literatura brasileira já formada por escritores de grandeza universal³.

Sendo a *História da literatura brasileira* o remate de sua carreira, José Veríssimo define seu método através dessa longa experiência adquirida durante mais de vinte e cinco anos como crítico literário. A *História da literatura brasileira* é, na definição de Heron de Alencar:

O resultado da reelaboração de idéias e ensinamentos que recolheu em suas leituras. E seu ler é um ler ativo, de quem procura por exigência prática, nunca por diletantismo; e seu trabalho é um constante criar e recriar de instrumentos para melhor conhecer o objeto de seu estudo, jamais a ostentação de um saber puramente retórico, quase nunca a expressão de entusiasmos irrefletidos por novidades estéticas, filosóficas ou literárias. (ALENCAR, 1963, p. 21)

José Veríssimo acrescenta à crítica literária brasileira o julgamento de valor — articulação entre tradição e talento individual⁴ — selecionando aqueles escritores de maior importância para a formação de um cânone literário nacional. “São obras e não livros, escritores e não meros autores que fazem e ilustram uma literatura”⁵, dizia Veríssimo em sua “Introdução”, demonstrando, que após todo o trabalho de reunião e pesquisa das origens da literatura brasileira, o momento era propício para uma seleção e análise daqueles escritores representativos para a nação.

³ Para Veríssimo, a *universalidade* de um escritor estaria ligada ao seu amadurecimento estético e lingüístico. A posição de Veríssimo aproxima-se da posição de T.S. Eliot que, em 1944, afirma: “Se houvesse uma palavra em que pudéssemos nos fixar, capaz de sugerir o máximo do que pretendo dizer com a expressão “um clássico”, esta seria *maturidade*. Distinguirei entre o clássico universal, como Virgílio, e o clássico que permanece como tal apenas em relação à literatura de sua própria língua, de acordo com a concepção de vida de um determinado período. Um clássico só pode aparecer quando uma civilização estiver madura, quando uma língua e uma literatura estiverem maduras; e deve constituir a obra de uma mente madura. É a importância dessa civilização e dessa língua, bem como a abrangência da mente do poeta individual, que proporcionam a universalidade”. ELIOT, T. S. O que é um clássico. In. *De poesia e poetas*. Tradução e prólogo de Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 78.

⁴ Conforme definição de T.S. Eliot.

⁵ VERÍSSIMO, José. *Historia da literatura brasileira*: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 1º milheiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916. p. 13.

Nota-se que se, por um lado, Sílvio Romero consegue, com sua *História*, estruturar um panorama para a literatura brasileira, tornando-se mais importante como historiador literário, José Veríssimo faz um trabalho de valorização estética em que o “fator individual” do escritor deve estar ligado a uma tradição que remete ao sentimento nacional. Para usar das idéias de T.S. Eliot (1888-1965), o escritor deve participar da tradição e, no mesmo plano, demonstrar *maturidade* através de seu talento individual.

Utilizando-se de vários conceitos, como inspiração, personalidade, espírito original e espírito imitativo e subordinado, sinceridade, íntimo sentimento, formosa expressão, personalidade singular, individualidade, entre muitos outros, José Veríssimo propõe uma “evolução literária”, de 1601 até 1908, demonstrando que o “instinto de nacionalidade”, como define Machado de Assis, percorre um caminho de transformação do conceito nacional em universal. Conforme definição de Veríssimo: “Presume esta História haver cabalmente verificado o desabrochar desse instinto desde ainda mal iniciada a formação do nosso povo, bem como seu constante desenvolvimento a par com o deste” (VERÍSSIMO, 1916, p.219) Por fim, Veríssimo acredita na educação nacional como forma de resolução de todos os descaminhos percorridos por um Brasil que mistura os sonhos de país ideal, através dos pressupostos dos bacharéis que formam a “ilustração” e, por outro lado, a realidade de uma nação que mantinha ainda uma prática de prolongamento do colonialismo.

Apesar das dúvidas, dos enganos e incertezas pode-se, finalmente, afirmar que os três caminhos aqui propostos se entrelaçam na busca por uma interpretação do pensamento de José Veríssimo. Pensamento esse, centrado num momento de grande agitação de idéias e grande complexidade. Produtor de idéias diversas, os intelectuais do século XIX ainda possuem importância ao retratar problemas que ainda hoje, no Brasil, não encontraram solução. Ainda hoje se vive no Brasil a angústia da dependência o que, de certa forma, faz com que os intelectuais brasileiros vez por outra venham ratificar a idéia de nação construída no século XIX.

Em suma, observa-se que a formação de José Veríssimo constitui-se de um plano estético fortalecido a partir da leitura de vários intelectuais e pensadores que contribuíram para o cosmopolitismo do crítico. Com o objetivo de mostrar a concatenação das várias leituras feitas pelo crítico, define-se o complexo campo intelectual de José Veríssimo e o amadurecimento de suas idéias no processo de formação da cultura nacional. Inserida na agitação da *belle époque* e produto das desilusões de Veríssimo em relação aos ideais da República, a *História da literatura brasileira* esboça a profissionalização de José Veríssimo e a busca pelo reordenamento do passado

delimitando um sistema de representação que polariza os ideais de um intelectual na recuperação do passado a partir de um olhar romântico.

Referências

- ALENCAR, Heron de. Sobre José Veríssimo. In: VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.
- BARBOSA, João Alexandre. A biblioteca imaginária ou o cânone na história da literatura brasileira. In: *Qfwfq*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1996.
- _____. *Alguma Crítica*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.
- _____. *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1978.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global Editora, 1969.
- LINS, Álvaro. Palestra sobre José Veríssimo. In: *Jornal de crítica*. 3ª série. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1944.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira (1500-1830)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.
- VERÍSSIMO, José. Conferência no Conservatório Dramático de São Paulo, no dia 12 de setembro de 1910. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, 1º ano, número 2, outubro de 1910, p. 27-33.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.
- VERÍSSIMO, José. *Que é literatura? e outros escritos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*. Trad. de José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.